

VIDAS NEGRAS, VIDAS LITERÁRIAS

Vagner Amaro

Este artigo, assim como a comunicação apresentada no congresso internacional da ABRALIC, resulta da tese “Vidas negras, vidas literárias (1978-2020)”, defendida no Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio em maio de 2023, sob a orientação do professor Fred Coelho. Aborda-se a vida literária de escritore(a)s negro(a)s brasileiro(a)s no período de 1978 a 2020, considerando que, esta vida literária, articulada por estratégias de produção, divulgação e circulação de obras, mesmo que, em sua maioria, distante dos espaços de legitimação da literatura, integra o mosaico da vida literária brasileira, e reivindica aos pesquisadores a experimentação de um modelo flexível e inclusivo para a sua descrição, inscrição, mapeamento e abordagem, como, por exemplo, o realizado por Brito Broca (2005) na obra *A vida literária no Brasil – 1900*.

Na introdução de *A vida literária no Brasil – 1900*, que foi lançado em 1956, Brito Broca estabeleceu uma distinção entre vida literária e literatura. Para Broca (2005, p.33), “embora ambas se toquem e se confundam, por vezes, há entre elas a diferença que vai da literatura estudada em termos de vida social para a literatura em termos de estilística”.

No prefácio da edição de 1967 de *A vida literária no Brasil – 1900*, Francisco de Assis Barbosa informa que a literatura estudada em termos de vida social interessava a Broca por ele entender como um absurdo separar vida e literatura, como se fossem coisas antagônicas. Segundo Barbosa (2005), Broca questionava: “Escritores também não são homens, não participam da vida, não informam as flutuações em que vivem ou viveram?”, e argumentava: “Não é o caráter literário de um tema que o particulariza, restringindo-lhe o alcance; é a maneira estreita, artificiosa e convencional de tratá-lo. Não é a literatura – por onde a vida e a humanidade se exprimem –, é a literatice¹”.

Como já afirmado, o livro *A vida literária no Brasil* foi lançado em 1956. Quase uma década depois, Antonio Cândido lançava *Literatura e sociedade*, em 1965, onde refletia sobre o estudo da relação entre a obra e o seu condicionamento social. O teórico reflete sobre duas vertentes de análise de obras literárias: primeiro, uma em que “o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial,” em seguida, outra, contrária a essa primeira, em que “a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais

¹ Segundo o dicionário Aulete: “Literatura ruim, pretensiosa ou ridícula.”

postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social.”²

Em *Literatura e Sociedade* (1965), Cândido afirma que essas duas linhas de pensamento eram insatisfatórias e indica a necessidade de “fundir texto e contexto em uma interpretação dialeticamente íntegra”. Para Cândido o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura. A legitimidade do estudo dos fatores externos se localizava na sociologia da literatura, que “não propõe a questão do valor da obra, e pode interessar-se, justamente, por tudo que é condicionamento. Cabe-lhe, por exemplo, pesquisar a voga de um livro, a preferência estatística por um gênero, o gosto das classes, a origem social dos autores, a relação entre as obras e as ideias, a influência da organização social, econômica e política etc.” (p. 9), sendo uma disciplina de cunho científico, sem a orientação estética necessariamente assumida pela crítica.

No mesmo ensaio, Cândido prossegue: “a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais. Mas, daí a determinar se eles interferem diretamente nas características essenciais de determinada obra, vai um abismo, nem sempre transposto com felicidade.”(p. 21) O que Cândido defende em *Crítica e sociologia: tentativa de esclarecimento*, prefácio do livro *Literatura e sociedade* é o fim da dicotomia entre o foco nos fatores externos ou internos para a crítica de uma obra, apontando as falhas nas linhas de atuação crítica, quando apenas se considera um fator, seja em um estruturalismo radical, ou em uma consideração dos fatores sociais como um simples aferimento de obra e realidade exterior. Para o teórico (1965) o fator social é (deve ser) invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de ideias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós, considerando a organicidade da obra, pois essa concepção da obra permite, no seu estudo, levar em conta e variar o jogo dos fatores (externo e interno) que a condicionam e motivam.

A vida literária no Brasil — 1900 passa longe de ser um livro de crítica ou teoria literária, mas é seguro dizer que o livro de Brito Broca serve para análises do que Cândido (1965) chama de “fator social” de uma obra. Jornalista, Broca atuou como cronista literário entre 1935, quando foi admitido na *Gazeta de São Paulo*, e 1961.

² CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. p.8

O livro *A vida literária no Brasil – 1900* foi inspirado na série *Histoire de la Vie Littéraire*, de André Billy. Segundo Bittencourt (2017, p. 71) “a perspectiva histórica desenvolvida no projeto *A Vida Literária no Brasil* é devedora dos conceitos aplicados por André Billy na referida série: em um labirinto.” Bittencourt (2017, p. 71) informa que “lendo a coleção, apreende-se o método ali expresso de maneira um pouco intuitiva, pois as obras não se propõem a teorizar sobre a vida literária, mas aplicar os métodos aos processos de construção de uma história da vida literária de cada período.”

Em *A vida literária no Brasil — 1900*, algumas características de Broca como cronista literário se destacaram: o caráter investigativo, democrático e inclusivo do seu interesse para a paisagem da vida literária que, “sem fazer concessões, tratava os jovens com simpatia, sobretudo os da província, com menos oportunidade e até sem nenhuma oportunidade de aparecer, como os das capitais”³. Candido (1981), no prefácio de *Ensaio da Mão Canhestra*, afirma que na obra de Broca “a interpretação adere de modo indiscernível à descrição: quando está descrevendo, enumerando, detalhando, o cronista está ao mesmo tempo sugerindo, desvendando e analisando”, e ainda, “enquanto descreve, enumera e detalha, o cronista, ao mesmo tempo, sugere, desvenda e analisa”⁴.

Broca (2005) descreveu em *A vida literária no Brasil – 1900*, por exemplo, o preconceito dos escritores que viviam no Rio de Janeiro em relação aos escritores das outras regiões do Brasil, assim como não se eximiu de apresentar como eram reduzidas as oportunidades para as mulheres fazerem parte dos meios de circulação literária: “quando Júlia Lopes de Almeida entrou a escrever nos jornais, por volta de 1885, encontrou ainda forte barreira de preconceitos contra as mulheres escritoras”⁵; o autor também abordou o racismo de Monteiro Lobato e de outros escritores:

o preconceito da inferioridade étnica que levava os outros escritores a se refugiarem na Grécia, como um sistema de defesa, atuaria no espírito de Lobato, de maneira diversa, contribuindo para que ele passasse a ver, mesmo sob um aspecto pessimista, a nossa realidade.

Embora tenha sido publicado em 1956, *A vida literária no Brasil – 1900* deixa nítido que a paisagem⁶ retratada por Brito Broca não se distancia, em alguns aspectos, do que foi a literatura brasileira na segunda metade do século XX e primeiras duas décadas do XXI: um

³ BARBOSA, Francisco Assis. Um Dom Quixote das letras. In: BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. Rio de Janeiro: ABL, 2005.

⁴ WALDMAN, Berta. Brito Broca e Alexandre Eulálio: dois viajantes. **Remate de Males**, Campinas. v. 11, p. 21-25, 1991.

⁵ BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. Rio de Janeiro: ABL, 2005. p. 329.

⁶ Termo utilizado por Brito Broca em *A Vida literária no Brasil – 1900*: “O certo é que de 1915 em diante começariam a manifestar-se sinais acentuados de transformação na paisagem da nossa vida literária” (p. 352).

território de disputas, com a prevalência de um determinado grupo. Para a pesquisadora Dalcastagnè (2012, p. 5):

Desde os tempos em que era entendida como instrumento de afirmação da identidade nacional até agora, quando diferentes grupos sociais procuram se apropriar de seus recursos, a literatura brasileira é um território contestado. Muito além de estilos ou escolhas repertoriais, o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele.

Regina Dalcastagnè coordena uma pesquisa na Universidade Federal de Brasília (UNB) que investiga quantitativamente as publicações de romances de grandes editoras brasileiras nos períodos que vão de 1965 a 1979 e 1990 a 2004. Com isso, identificou que quem mais publicou romances nesses recortes pertence a um grupo muito específico da população: “homens brancos, que vivem no Rio de Janeiro ou São Paulo, quase todos estão em profissões que abarcam espaços já privilegiados de produção de discurso: os meios jornalísticos e acadêmicos”⁷.

Aliam-se na construção desta reflexão duas outras pesquisas: *História editorial da literatura negra brasileira*, de Luiz Henrique Oliveira e Fabiane Cristine Rodrigues⁸, “estudo dedicado às dinâmicas que caracterizaram o surgimento de livros individuais de contos e romances afro-brasileiros. Estas fontes compuseram uma espécie de “inventário” da produção literária de autores negros brasileiros em diversos gêneros”⁹ e *A literatura afro-brasileira nos acervos das bibliotecas públicas*, de Gustavo Tanus e Gabrielle Francinne Tanus¹⁰. Se a pesquisa da UNB mapeia a literatura brasileira a partir da publicação de romances das maiores editoras brasileiras entre 1965 e 1979 e entre 1990 e 2004, o estudo sobre a história editorial da literatura negra brasileira vai quantificar as publicações de escritores e escritoras negros no Brasil no período de 1839 a 2020, identificando que, entre 1859 e 2020, apenas 79 romances de escritores e escritoras negros foram publicados. A pesquisa originou o livro *Trajetórias editoriais da literatura de autoria negra: poesia, conto, romance e não ficção*, publicado pela editora Malê em 2021. Segundo Oliveira e Rodrigues (2021, p. 31):

É possível, simultaneamente, englobar a pluralidade da qual se constituem as produções literárias de autoria negra ou afro-brasileiras e diferenciá-las daquelas que constituem o cânone literário brasileiro, definido, em grande

⁷ DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Horizonte, 2021. p. 6

⁸ OLIVEIRA, Luiz Henrique; RODRIGUES, Fabiane Cristine. **Trajetória editorial da literatura negra brasileira: poesia, conto, romance e não ficção (1839-2020)**. Rio de Janeiro: Malê, 2021. (no prelo).

⁹ Ibidem.

¹⁰ TANUS, Gustavo; TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho. Onde estão os autores e autoras negros? A literatura afro-brasileira nos acervos das bibliotecas públicas brasileiras. **Diacrítica**. v. 34, n.º 2, 2020, p. 249–263. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/40314/>>.

medida, por um padrão etnocêntrico. Ou seja, trata-se de uma literatura que, embora não abandone seus critérios estéticos, assume um explícito posicionamento social, dedicado a dar voz a uma comunidade muitas vezes marginalizada na sociedade brasileira.

Já a pesquisa nos acervos das bibliotecas traz dados importantes para refletir sobre a circulação de obras, e os pesquisadores concluem que:

As bibliotecas acabam por espelhar e reproduzir o silenciamento, o preconceito, o racismo fortemente arraigado e alimentado pela ideologia da branquitude. A ausência de obras de literatura de autores e autoras negras compromete a representatividade nos acervos, bem como a mediação literária e a formação de leitores, que não se veem representados nos acervos das bibliotecas públicas. (TANUS; TANUS, 2020, p. 4).

As pesquisas citadas sinalizam essa desigualdade entre as publicações de escritore(a)s negro(a)s e de escritore(a)s branco(a)s, mas não apenas. Elas também indicam que, excetuando-se alguns escritore(a)s negro(a)s oitocentistas – e quanto a isso, destaca-se a obra *Escritos de liberdade*¹¹, de Ana Flávia Magalhães Pinto – mesmo quando publicados com recursos próprios e de pequenas editoras (quilombos editoriais) — o que já evidencia condições diferentes de acesso à produção editorial —, os livros desses escritore(a)s negro(a)s foram ignorados, em grande medida, pelo mercado, pela “história e historiografia”¹² da literatura brasileira e pelas outras instâncias de legitimação da literatura.¹³

Importante também destacar para que essa reflexão não pareça anacrônica ao citar os escritores negros oitocentistas, que a noção de mercado editorial como o entendemos hoje se difere profundamente da segunda metade do século XIX, ou até mesmo, das duas primeiras décadas do XX. No final do século XIX apenas 18% da população brasileira era alfabetizada e, desse percentual, era bastante reduzido o número dos que liam livros. Guimarães (2002, p. 38) informa sobre as pequenas tiragens da época ao afirmar que “os livros saíam em edições de mil exemplares, e apenas títulos muito bem-sucedidos chegavam em sua segunda edição, que poderia demorar dez, vinte, trinta anos”. O autor observa que não era a quantidade de exemplares da tiragem que marcava o pequeno número de leitores, mas sim o tempo em que uma tiragem de mil exemplares levava para ser consumida. Ou seja, mesmo que na atualidade

¹¹ Pinto (2018, p. 25) identifica uma rede de sociabilidades estabelecidas por um conjunto de pensadores negros e literatos negros que refletiram sobre os projetos e atuaram nos processos de formação/reformulação nacional brasileira nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX.

¹² Souza (2007, p. 10) distingue a noção de História da Literatura, “o fenômeno constituído pelos desdobramentos e transformações no tempo de uma entidade chamada Literatura Brasileira”, de Historiografia da Literatura, “o corpo de obras consagradas ao estudo desse fenômeno”.

¹³ Segundo Abreu (2005, p. 40), para que uma obra seja considerada *Grande Literatura* ela precisa ser declarada *literária* pelas chamadas “instâncias de legitimação”. Essas instâncias são várias: a universidade, os suplementos culturais dos grandes jornais, as revistas especializadas, os livros didáticos, as histórias literárias etc. Uma obra fará parte do seletor grupo da *Literatura* quando for declarada literária por uma (ou, de preferência, várias) dessas instâncias de legitimação. Assim, o que torna um texto *literário* não são suas características internas, e sim o espaço que lhe é destinado pela crítica e, sobretudo, pela escola no conjunto dos bens simbólicos.

sejam comuns edições com tiragens pequenas de 200, 300 exemplares, a quantidade de títulos nacionais e estrangeiros lançados no mercado editorial brasileiro é imensa. Segundo a pesquisa Painel do Varejo de Livros no Brasil¹⁴, em 2021 foram registrados novos 47.869 títulos de livros.

Diante das pesquisas que apontam para a pequena participação de escritores negros no mercado editorial brasileiro, como pensar a sua inserção nas estruturas de criação, produção, circulação e recepção de suas obras? Pesquisadores sobre a Vida Literária como Moriconi (2006), Sussekind (1985) e Hollanda (1975) apontam para um enfraquecimento dessa sociabilidade na década de 1980, no entanto, é neste período que escritoras e escritores negros se reúnem em grupos em algumas regiões do Brasil em uma intensa vida literária. Segundo Semog (2015, p. 13), (neste período) a literatura afro-brasileira se fez presente por meio de recitais em escolas, favelas, universidades, presídios, praças e alhures. O importante era estabelecer a existência de uma literatura nominada afro-brasileira. Isto foi feito com a participação em seminários e encontros literários, realização de oficinas em escolas e muitos encontros literários com outros segmentos do movimento negro, como os promovidos pelo Grupo Palmares, no Rio Grande do Sul, Grupo Quilombhoje Literatura, em São Paulo, Grupo Negricia, Poesia e Arte de Crioulo, no Rio de Janeiro, e GENS, Grupo de Escritores Negros de Salvador, na Bahia.

Cuti (2010, p. 125) informa que, no final da década de 1970 e nos primeiros anos da de 1980, além dos encontros nos bates de São Paulo, o(a)s escritore(a)s negros passaram a realizar as rodas de poema, “uma maneira própria de se dizer poesia, semelhante a roda de samba, que incluía instrumentos de percussão (em geral atabaques e chocalhos) e pequenos pontos musicais para serem cantados pelos participantes entre uma e outra declamação ou leitura em voz alta no centro da roda.”

As rodas de poemas trazem algo inovador para se pensar criação, circulação, mediação e vida literária. Uma dinâmica com marcadores de ancestralidade africana, democrática, não hierarquizada de contato com a literatura. Ressaltando que, assim como os poetas da geração mimeógrafo, o(a)s escritore(a)s negro(a) também faziam uso desse recurso (mimeografar e distribuir) para divulgar os seus poemas.

Neste sentido, no exercício de se pensar a vida literária de escritores e escritoras negros, entende-se vida literária brasileira como uma rede de sociabilidades, composta de

¹⁴ Produção e venda do setor editorial brasileiro: Disponível em:
https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2022/05/apresentacao_imprensa_Final.pdf

diversas outras redes/segmentos que de alguma maneira se inter-relacionam, podendo ser pelo uso da mesma língua, ou por fazerem parte de um mesmo território. O conjunto destes segmentos da vida literária compõe a vida literária brasileira, uma paisagem impossível de ser completada, visto que as sociabilidades e a produção literária estão sempre em movimento, se transformando. Da mesma forma, considerando a ausência de um conceito mais definido de vida literária, a conceituo como uma ambiência em que se articulam as redes estabelecidas por autores e por suas publicações com as diversas áreas, coletivos e indivíduos que compõem a diversidade de movimentações que trazem vida ao texto literário, incluindo produtores (autores), promotores (governo, empresas, eventos, prêmios, escolas e outras instituições culturais e educacionais), mediadores diversos (professores, associações, leitores, artistas, redes sociais, mídia) e receptores (leitores, avaliadores, críticos) e todas as sociabilidades afetivas que esta ambiência faz suscitar.

O recorte temporal se deu pela importância da geração *Cadernos Negros* (1978) como renovadora da literatura negra brasileira e como proponente de reflexões críticas acerca da literatura que estavam produzindo e da história da literatura feita no país. Esta pesquisa fez surgir o interesse na identificação de elos, mesmo que implícitos, entre escritores negros brasileiros do século XIX, XX, XXI, uma conexão ancestral, que se põe no lugar de uma ideia de tradição fraturada. Em *Literatura negro-brasileira*, Cuti (2010, p. 20) afirma: “os escritores negro-brasileiros fazem literatura escrita. A sua tradição, desde Luiz Gama, é escrita”. Bosi (2002, p. 186), no ensaio *Figuras do eu nas recordações de Isaías Caminha*, vai afirmar sobre Lima Barreto e Cruz e Sousa:

Há um fio existencial que os une e lhes dá um parentesco bem próximo. Em ambos se ouve o protesto do negro e do mulato batendo na mesma tecla: as expectativas despertadas na adolescência pelo talento precoce de ambos foram desmentidas duramente no ingresso da juventude por força do preconceito de cor.

É deste fio existencial que se tratou na tese *Vidas negras, vidas literárias* (1978-2020) ao reunir condições de vida sob o sistema racista com alguns textos e trajetórias editoriais de escritoras e escritores negros, delineando o fio existencial na composição de vida e obra. Uma vida em estado permanente de vulnerabilidade, em razão do racismo. Exemplos são diversos e diários. Destaco aqui quando, em 2019, militares do Exército, durante a intervenção militar no Rio de Janeiro, dispararam 80 tiros¹⁵ em uma família que estava indo a um evento familiar, o

¹⁵ O fuzilamento da família que ia a um chá de bebê ocorreu em 7 abril de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/08/dez-militares-sao-presos-apos-acao-do-exercito-que-fuzilou-carro-de-familia-no-rio-com-80-tiros.ghtml>

que, em uma análise mais direta, significa a força do Estado decidindo que esta família deveria morrer.¹⁶

Ainda sobre o recorte temporal, 1978-2020, na esfera da reflexão sobre vida, condições de vida e vida literária, é importante destacar que a série Cadernos Negros se inicia no mesmo período em que se criava o Movimento Negro Unificado. Sua fundação foi motivada por dois atos de agentes do Estado durante a ditadura civil-militar: a tortura seguida de assassinato do feirante Robson Silveira da Luz e o assassinato, pela polícia militar de São Paulo, do operário Nilton Lourenço, em 1978.

Da mesma forma, o aumento contemporâneo de publicações de autoria negra por editoras brasileiras ocorre no mesmo período em que houve uma intensificação do movimento de origem norte-americana *Black Lives Matter* (Vidas negras importam), motivado pelo assassinato do segurança desempregado George Floyd, pela polícia civil de Minneapolis, nos Estados Unidos, no ano de 2020.

Na intensificação dos movimentos antirracistas nos Estados Unidos, escritores negros lançaram o manifesto “Racial Equity in Literary Representation”, endereçado a livrarias e editoras – entre elas, a Penguin Random House. Uma petição na plataforma change.org, redigida pelo escritor Ezekiel J. Walker, ilustra a situação dos escritores negros nos Estados Unidos:

Por décadas, em muitas grandes cadeias de livrarias, como a Barnes and Noble, toda a existência negra foi confinada a uma ou duas estantes de livros, exibindo autores negros confiáveis, mas cuidadosamente selecionados. Enquanto isso, o resto do estabelecimento transborda com vários gêneros de livros que atendem ao público branco e são em grande parte escritos por autores brancos. São esses autores que se tornam best-sellers, especialistas aclamados e têm plataformas para falar com seriedade e autoridade. Enquanto isso, muitos autores negros de boa reputação, bem pesquisados e credenciados foram relegados ao status de “autopublicados”, o que nos permite publicar nossos trabalhos, mas sem esforços de marketing, elogios avançados, tours de livros, circuitos de palestras, entrevistas da indústria, painéis de discussão etc., resultando na maioria dos americanos nunca lendo nossas obras ou mesmo sabendo que elas existem.¹⁷ (2020, tradução livre)¹⁸

¹⁶ No dia 13/10/2021, ocorreu o julgamento que condenou 12 militares envolvidos no homicídio citado no texto. Fonte: <https://catracalivre.com.br/cidadania/80-tiros-justica-condena-militares-morte-musico-catador/>

¹⁷ WALKER, Ezequiel. **Black authors matter**. Disponível em: [Abaixo-assinado · Racial Equity In Literary Representation · Change.org](#)

¹⁸ Texto original: For decades in many large bookstore chains, such as Barnes and Noble, the entirety of black existence has been confined to a single book shelf or two, displaying credible but carefully selected black authors. Meanwhile the rest of the establishment overflows with various book genres which cater to white audiences and are largely written by white authors.

It is those authors who become bestsellers, acclaimed experts, and are provided platforms to speak with gravitas and authority. Meanwhile many reputable, well-researched, and credentialed black authors have been relegated to the status of "self published" which allows us to publish our works but without marketing efforts, advanced

A petição informa que o assassinato de George Floyd motivou brancos aliados a atuarem pelo fim do racismo, o que gerou ações em diversas áreas. No Brasil, em 2020, a editora Companhia das Letras assumiu, pela primeira vez, compromissos com a causa antirracista no país. Tal comprometimento foi divulgado por uma nota pública com um planejamento de ações para o desenvolvimento da diversidade na empresa e no seu catálogo. No podcast do Publishnews¹⁹ (mídia especializada no mercado editorial), em agosto de 2020, Luiz Schwarcz, fundador e CEO da Companhia das Letras, afirmou que houve uma contribuição da Penguin Random House, acionista majoritária da Companhia das Letras, mas que esse era um processo natural da editora, que “muito modestamente já tinha essa preocupação na sua linha editorial”, desde as décadas de 1980-1990. Ele reconhece, no entanto, que na área editorial foi pouco e que na área da força de trabalho “é muito pouco”. Além da Companhia das Letras, várias outras editoras passaram a publicar livros de temática antirracista.

Seja em 1978 ou em 2020, as condições de vida da população negra em razão do racismo geraram movimentações na vida literária. Nos dois momentos a literatura que emerge é em uma literatura antirracista, uma “literatura de combate”. No entanto, quando apropriada pelo mainstream editorial, uma questão se coloca: qual a potência combativa desses textos quando publicados por empresas que se estruturam e contribuem para as estruturas do racismo? Cabe discutir capitalismo, sociedade de consumo e antirracismo?

Diante do exposto, proponho que a formulação e apropriação de um conceito de vida literária, pela sua ampla abrangência de observação e liberdade de análises, possa trazer novas possibilidades de olhar para a atuação de escritore(a)s negro(a)s, uma inserção na história da literatura brasileira.

Dessa forma, considera-se que, ao observar a vida literária de escritore(a)s e negro(a)s, a experiência de vida, que, como em toda a literatura, pode fazer suscitar uma prática literária, serve de importante objeto de análise, quando se compreende que as experiências desses escritores e escritoras se igualam em totalidade em apenas um fato: todos são afetados pelo racismo. Logo, as probabilidades são grandes de esta experiência unificadora, moldada pelo racismo, aparecer de formas diversas como material literário, e entende-se que analisar essas

praise, book tours, lecture circuits, industry interviews, panel discussions, etc., resulting in most Americans never end up reading our works or even knowing they exist.

¹⁹ Penguin Random House assume majoritariamente as ações do Grupo Companhia das Letras. Disponível: <https://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Penguin-Random-House-assume-majoritariamente-as-acoes-do-Grupo-Companhia-das-Letras>

recorrências na produção da autoria negra possibilita uma reflexão mais ampliada sobre a vida literária de escritores e escritoras negros.

Ao informar que as experiências de vida de escritoras e escritores negros podem aparecer nas suas produções literárias, direciona-se para um entendimento parcialmente consensual na sociologia da literatura. Ou seja, olha-se para a vida em sua rede de sociabilidades e olha-se para um conjunto de textos resultante das tramas da vida. As duas direções levam à apreensão de como o racismo afeta a vida de escritoras e escritores negros, e como hipótese, há um entendimento de que esses dois caminhos podem ocupar um mesmo corpo-pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Francisco Assis. Um Dom Quixote das letras. In: BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. Rio de Janeiro: ABL, 2005.
- BITTENCOURT, João Fábio. **A vida literária no Brasil – época modernista: um projeto de Brito Broca e Alexandre Eulálio**. Campinas, 2017. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.
- BOSI, Alfredo. **Figuras do eu nas recordações de Isaías Caminha**. In: Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. Rio de Janeiro: ABL, 2005.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. São Paulo: Martins, 1975.
- _____. Prefácio. In: BROCA, Brito. **Ensaio da mão canhestra**. São Paulo: Polis, 1981.
- CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.
- MORICONI, Ítalo. Circuitos contemporâneos do literário. **Gragoatá**, Niterói, n. 20, p. 147-163. 2006.
- OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de; RODRIGUES, Fabiane Cristine. **Trajetórias editoriais da literatura de autoria negra brasileira: poesia, conto, romance e não ficção: poesia, conto, romance e não ficção**. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2022.
- SUSSEKIND, Flora. **Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985